



IX ENCONTRO BRASILEIRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
ISSN: 2594-5688
secretaria@sbap.org.br
Sociedade Brasileira de Administração Pública

ARTIGO

**COMPARAÇÃO DOS NÍVEIS DE CAPITAL ACADÊMICO ENTRE
EGRESSOS COTISTAS E NÃO COTISTAS DAS UNIVERSIDADES
FEDERAIS BRASILEIRAS**

**JOSÉ ROBERTO ABREU DE CARVALHO JUNIOR, WESCLEY SILVA XAVIER, MARCO AURÉLIO
MARQUES FERREIRA,**

GRUPO TEMÁTICO: 02 Análise de Políticas Públicas

IX Encontro Brasileiro de Administração Pública, São Paulo/SP, 5 a 7 de outubro de 2022.
Sociedade Brasileira de Administração Pública
Brasil

Disponível em: <https://sbap.org.br/>

Comparação dos níveis de capital acadêmico entre egressos cotistas e não cotistas das universidades federais brasileiras

Resumo

Existe uma escassez de pesquisas sobre se a participação em atividades acadêmicas e extracurriculares durante o curso de graduação (capital acadêmico) é igual entre alunos cotistas e não cotistas das universidades federais. Diante disso, o objetivo do artigo foi verificar se a participação em atividades acadêmicas e extracurriculares durante o curso de graduação na universidade (capital acadêmico) é igual entre egressos cotistas e não cotistas. Para tanto, aplicamos um questionário eletrônico a uma amostra final de 11.458 egressos, de 248 cursos de graduação, de todas as áreas do conhecimento, de 18 universidades federais, das cinco regiões do Brasil. Comparamos as médias obtidas entre egressos cotistas e não cotistas por meio do Teste *t* de Student e Teste de Qui-Quadrado. Os resultados sugerem que egressos cotistas possuem os mesmos níveis de capital acadêmico do que os egressos não cotistas.

Palavras-chave: Capital acadêmico. Egressos. Política de cotas. Universidade pública.

1 INTRODUÇÃO

É em um cenário histórico de desigualdade social no acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade, que foi estabelecida em 2012 a política de cotas (Lei 12.711) para que universidades federais reservem pelo menos metade das suas vagas de cursos de graduação para estudantes oriundos do ensino médio de escolas públicas, com reservas específicas para negros, indígenas ou mesmo brancos de famílias de baixa renda. A política de cotas é legítima no combate à desigualdade no acesso às universidades públicas que, historicamente, sempre serviram predominantemente aos alunos da elite brasileira (SILVA; XAVIER; COSTA, 2020).

Um argumento frequente dos críticos brasileiros da política de cotas é que alunos de escolas públicas beneficiados com a política de cotas (denominados cotistas) teriam um desempenho acadêmico inferior àqueles alunos não beneficiados (não cotistas) e isso poderia afetar negativamente a qualidade da educação superior pública (SILAME; MARTINS JÚNIOR; FONSECA, 2020). No entanto, essas críticas parecem não se sustentar, uma vez que os resultados de várias pesquisas sobre o tema têm mostrado que o desempenho acadêmico de alunos cotistas é igual ou até mesmo melhor do que o de alunos não cotistas (BIAZOTTO et al., 2022b, 2022a; CALBINO; XAVIER; SABINO, 2020; CAVALCANTI et al., 2019; CHILDS; STROMQUIST, 2015; COHEN; EXNER; GANDOLFI, 2018; FERREIRA et al., 2020; MACHADO; REYES; RIEHL, 2021; OLIVEIRA et al., 2018; PEIXOTO et al., 2016; PELEGRINI et al., 2021; PENA;

MATOS; COUTRIM, 2020; PINHEIRO; PEREIRA; XAVIER, 2021; QUEIROZ; SANTOS, 2006; SILAME; MARTINS JÚNIOR; FONSECA, 2020; SILVA; XAVIER; COSTA, 2020; VALENTE; BERRY, 2017; VELLOSO, 2009; VIDIGAL, 2018; WAINER; MELGUIZO, 2018).

Porém, para além do desempenho acadêmico dos estudantes, até o momento, nenhuma pesquisa investigou, a partir de diferentes cursos e universidades, se egressos cotistas e não cotistas são distintos quanto à participação em atividades acadêmicas, de pesquisa e extracurriculares durante o curso de graduação na universidade federal, às quais chamamos de capital acadêmico. Consideramos o capital acadêmico como representado pelo conjunto de atividades desenvolvidas durante o curso de graduação pelos estudantes na universidade como a participação em Empresa Júnior, Iniciação Científica, Monitoria de disciplinas, Programa de Educação Tutorial (PET), Intercâmbio no exterior, Grupos de Pesquisa, Atléticas, Diretório Estudantil, entre outras. Evidências sugerem que a participação nessas atividades acadêmicas e extracurriculares pode mudar a vida dos estudantes para melhor, especialmente para estudantes de baixa renda (WINKLER; SRIRAM, 2015).

Diante desse cenário, nós questionamos: egressos cotistas possuem os mesmos níveis de capital acadêmico do que os egressos não cotistas? Para responder essa pergunta, o objetivo do artigo foi verificar se a participação em atividades acadêmicas e extracurriculares durante o curso de graduação na universidade (capital acadêmico) é igual entre egressos cotistas e não cotistas. Baseando na literatura que não encontrou diferença no desempenho acadêmico entre alunos cotistas e não cotistas, assumimos como hipótese que os níveis de capital acadêmico desenvolvido na universidade são iguais entre egressos cotistas e não cotistas. Para atingir nosso objetivo e testar nossa hipótese, realizamos uma pesquisa com abordagem puramente quantitativa dos dados.

Ao melhor de nosso conhecimento, até agora, nenhuma pesquisa comparou os níveis de capital acadêmico entre estudantes cotistas e não cotistas a partir de diferentes cursos, universidades e regiões do país. Essa, portanto, é a contribuição teórica do nosso artigo. A contribuição prática do artigo é que nossos resultados podem ajudar a subsidiar a tomada de decisão na gestão educacional, sobretudo universitária, sobre a oferta de diferentes atividades acadêmicas e extracurriculares para estudantes do ensino superior, principalmente para os estudantes cotistas, público-alvo da política de cotas. O artigo ocorre em momento oportuno tendo em vista os constantes cortes e bloqueios orçamentários atuais e ocorridos nos últimos anos por parte do governo federal que ameaçam o bom funcionamento das universidades federais brasileiras.

2 POLÍTICA DE COTAS E A FORMAÇÃO DO CAPITAL ACADÊMICO

A política de cotas foi desenhada para expandir o acesso a universidades públicas de qualidade e de maior prestígio social a grupos historicamente sub-representados nesse nível de ensino (LOPES, 2016) buscando promover maior equidade e inclusão social (BIAZOTTO et al., 2022b). Por ter um formato que combina a cor/raça, a condição socioeconômica e a origem escolar do estudante, a política de cotas surge como possibilidade para reduzir as desigualdades na sociedade brasileira, principalmente entre brancos e negros (ANDREWS, 2014).

Evidências sugerem que o diploma universitário em universidades de prestígio traz benefícios não apenas econômicos, mas também não econômicos para os estudantes egressos, como seu desenvolvimento pessoal e intelectual, especialmente para estudantes de famílias de baixa renda (CHRISTIE et al., 2018). O ambiente de uma universidade de prestígio parece aumentar a motivação de seus estudantes (ANELLI, 2020). Isso pode ser muito impactante positivamente para os estudantes cotistas das universidades federais, pois é possível que eles encontrem um ambiente propício e de qualidade para desenvolverem atividades acadêmicas, ambiente esse possivelmente bem diferente da provável realidade material precária das escolas públicas da sua educação básica (FREITAS, 2009).

Estudos sobre a permanência dos estudantes cotistas durante a vida na universidade destacam a necessidade de as universidades oferecerem uma maior assistência financeira, psicológica e social aos estudantes cotistas visando à sua boa permanência no ensino superior (ANGNES et al., 2017; BRANDÃO; CAMPOS, 2020; CAMPOS et al., 2017; HERINGER; HONORATO, 2015; MAYORGA; SOUZA, 2012; OLIVEN, 2015; PEREIRA; AMARAL; BILAR, 2020; SILVA, 2019). Evidências apontam que oferecer atividades e programas acadêmicos a estudantes de baixa renda no campus universitário levam à formação de um capital acadêmico por parte desses estudantes, acarretando em mudanças significativas de melhoria da sua vida pessoal e familiar, representando assim uma forma de inclusão social (WINKLER; SRIRAM, 2015).

3 METODOLOGIA

Nossa pesquisa possui abordagem estritamente quantitativa dos dados. Para atingir nosso objetivo, aplicamos um questionário eletrônico por meio do Formulários Google no período de 15

de setembro de 2021 a 31 de dezembro de 2021 a uma amostra final de 11.458 egressos ($n = 11.458$), sendo 32,41% egressos cotistas e 67,59% egressos não cotistas, de 248 cursos de graduação, de todas as áreas do conhecimento, de 18 universidades federais brasileiras, de todas as cinco regiões do Brasil e que colaram grau entre 2016 e 2021.

Pretendíamos, inicialmente, aplicar o questionário aos egressos cotistas e não cotistas de todos os cursos presenciais de graduação de todas as universidades federais do Brasil que colaram grau a partir de 2016. Das 69 universidades federais existentes atualmente, 30 universidades aceitaram participar da pesquisa. Então, solicitamos às 30 universidades federais que enviassem o questionário a seus egressos diretamente por e-mail e também o disponibilizamos em grupos dessas universidades no Facebook. No entanto, apenas 18 universidades federais enviaram o questionário em massa a seus egressos por e-mail e por parte de suas respectivas Pró-Reitorias de Graduação ou de Ensino. Visando padronizar os nossos métodos e não incorrerem no risco de enviesar a nossa amostra, restringimos a nossa unidade de análise somente aos egressos dessas 18 universidades. Além disso, observamos o recomendado por Hair et al (2009) sobre termos pelo menos 100 observações em um conjunto de dados para a validade estatística dos resultados. Nesse caso, como esperado, foram justamente as 18 universidades federais que enviaram o questionário em massa diretamente para o e-mail de seus egressos que registraram pelo menos 100 respostas (observações) em cada questionário.

A tabela 1 apresenta a nossa amostra final, contendo as universidades, a região do país, o número de egressos que responderam ao questionário e o percentual desses egressos em relação ao total da amostra.

Tabela 1 – Amostra final de egressos, por universidade participante

Universidade	Região do país	Nº de egressos que responderam ao questionário	Percentual em relação à amostra final
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	Sul	1.932	16,9%
Universidade Federal da Bahia (UFBA)	Nordeste	1.790	15,6%
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	Sudeste	1.657	14,5%
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)	Sudeste	1.220	10,6%
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	Nordeste	928	8,1%
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Nordeste	763	6,7%

Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Sul	759	6,6%
Universidade Federal do Amazonas (Ufam)	Norte	435	3,8%
Universidade Federal do ABC (UFABC)	Sudeste	319	2,8%
Universidade Federal de Viçosa (UFV)	Sudeste	267	2,3%
Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	Centro-Oeste	243	2,1%
Universidade Federal de Itajubá (Unifei)	Sudeste	198	1,7%
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	Centro-Oeste	191	1,7%
Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Ufersa)	Nordeste	169	1,5%
Universidade Federal de Roraima (UFRR)	Norte	166	1,4%
Universidade Federal de Alfenas (Unifal)	Sudeste	162	1,4%
Universidade Federal do Cariri (UFCA)	Nordeste	136	1,2%
Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf)	Nordeste	123	1,1%
Total		11.458	100%

Fonte: Elaborado pelos autores.

A nossa variável “Capital acadêmico” foi obtida a partir de uma Análise Fatorial de escores Z (padronizados) e Alfa de Cronbach das variáveis “Participação acadêmica”, “Participação em voluntariado” e “Apresentação de seminários” durante o curso de graduação do egresso na universidade federal, uma vez que essas variáveis não se encontravam na mesma dimensão. A variável “Participação acadêmica” foi obtida a partir da soma das variáveis “Participação em Empresa Júnior”, “Participação em Iniciação Científica”, “Participação em Programa de Educação Tutorial (PET)”, “Participação em Monitoria” e “Intercâmbio no exterior”. As opções de resposta dessas variáveis, inicialmente em formato binário (Sim ou Não), foram transformadas em pontos da seguinte maneira: se o egresso respondeu que participou de cada uma dessas atividades (opção de resposta “Sim”), então ele recebeu 1 ponto e se o egresso respondeu que não participou de cada uma dessas atividades (opção de resposta “Não”), então ele recebeu 0 ponto. As variáveis “Participação em voluntariado” e “Apresentação de seminários” estavam em formato de escala *Likert* de 7 pontos, onde 1 representa o menor grau de concordância e 7 representa o maior grau de concordância do egresso com a afirmativa da questão elencada. Transformamos essas questões em variáveis para a nossa pesquisa. Para saber se o egresso era cotista ou não cotista, nós construímos uma variável categórica a partir da sua resposta no questionário. O quadro 1 apresenta a definição, o formato e a descrição das nossas variáveis.

Quadro 1 – Formato e descrição das variáveis da pesquisa

Variáveis		Formato/Descrição
Categoria do egresso		Variável do tipo categórica. Corresponde à categoria na qual o egresso foi admitido à universidade, sendo as opções: cotista e não cotista.
Participação acadêmica	Participação em Empresa Júnior	Variável do tipo categórica. Corresponde à verificação se o egresso foi membro de empresa júnior durante o curso universitário, sendo as opções: sim ou não.
	Participação em iniciação científica	Variável do tipo categórica. Corresponde à verificação se o egresso participou de atividades de iniciação científica durante o curso universitário, sendo as opções: sim ou não.
	Participação em Programa de Educação Tutorial (PET)	Variável do tipo categórica. Corresponde à verificação se o egresso participou de atividades de PET durante o curso universitário, sendo as opções: sim ou não.
	Participação em Monitoria	Variável do tipo categórica. Corresponde à verificação se o egresso foi monitor durante o curso universitário, sendo as opções: sim ou não.
	Intercâmbio no exterior	Variável do tipo categórica. Corresponde à verificação se o egresso participou de atividades de intercâmbio no exterior durante o curso universitário, sendo as opções: sim ou não.
Participação em Voluntariado		Variável do tipo métrica. Corresponde ao nível de concordância do egresso sobre a sua participação voluntária durante o curso de graduação em atividades como grupos de pesquisas, atléticas, diretório dos estudantes, etc, em escala <i>Likert</i> de 7 pontos em que 1 significa discorda totalmente e 7 concorda totalmente.
Apresentação de seminários		Variável do tipo métrica. Corresponde ao nível de concordância do egresso sobre o seu gosto por apresentar seminários de disciplinas durante o curso universitário, em escala <i>Likert</i> de 7 pontos em que 1 significa discorda totalmente e 7 concorda totalmente.
Capital acadêmico		Variável do tipo métrica. Corresponde à padronização a partir de uma combinação das variáveis “Participação acadêmica”, “Participação em voluntariado” e “Apresentação de seminários” feita através de Análise Fatorial e Alfa de Cronbach.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dados foram organizados e tabulados no Excel e em seguida analisados no SPSS (versão 23). Para fazermos as comparações entre as variáveis métricas, nós usamos o Teste *t* de *Student* (de médias de duas amostras independentes) e para as variáveis categóricas utilizamos o Teste de Qui-

Quadrado, ambos a um nível de 95% de confiança. A interpretação do p-valor dos testes (que é apresentado na legenda dos gráficos e tabelas e no corpo do texto) deve ser feita da seguinte forma: se o p-valor for menor que 0,05, significa que, a um nível de significância estatística de 5%, há associação estatisticamente significativa entre a categoria do egresso e a variável considerada. Caso o p-valor seja maior que 0,05, dizemos que, a um nível de significância estatística de 5%, não há associação estatisticamente significativa entre a categoria do egresso e a variável considerada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre a participação em Empresa Júnior, os resultados indicam que a maioria dos egressos, cotistas e não cotistas, não participou de Empresa Júnior durante o curso de graduação na universidade. Mesmo assim, egressos cotistas participaram menos em Empresa Júnior (7,86%) do que os egressos não cotistas (10,73%). Essas diferenças são estatisticamente significativas ($p = 0,000$), o que significa dizer que, durante o curso de graduação na universidade federal, os egressos cotistas participaram menos de Empresa Júnior do que os egressos não cotistas, embora seus percentuais sejam muito próximos.

Já com relação à Iniciação Científica, a maioria dos egressos, cotistas e não cotistas, participou de Iniciação Científica durante o curso de graduação na universidade. Mas novamente aqui, os egressos cotistas participaram menos de Iniciação Científica (54,38%) do que os egressos não cotistas (55,48%), embora seus percentuais de participação sejam novamente muito próximos. Essas diferenças, no entanto, não são estatisticamente significativas ($p = 0,266$), o que significa dizer que, durante o curso de graduação na universidade federal, os egressos cotistas participaram de Iniciação Científica de maneira igual aos egressos não cotistas.

Quanto à participação em PET, a grande maioria dos egressos, cotistas e não cotistas, não participou de PET durante o curso de graduação na universidade. Mas aqui egressos cotistas participaram mais de PET (8,59%) do que os egressos não cotistas (7,15%), embora seus percentuais de participação sejam ainda muito próximos. Essas diferenças são estatisticamente significativas ($p = 0,007$), o que significa dizer que, durante o curso de graduação na universidade federal, os egressos cotistas participaram mais de PET do que os egressos não cotistas.

Os resultados apontam que a maioria dos egressos, cotistas e não cotistas, não foi Monitor(a) de disciplinas durante o curso de graduação na universidade. Mas aqui novamente os egressos

cotistas participaram mais como monitores de disciplinas (34,74%) do que os egressos não cotistas (34,16%), embora seus percentuais de participação sejam quase idênticos. Essas diferenças, no entanto, não são estatisticamente significativas ($p = 0,541$), o que significa dizer que, durante o curso de graduação na universidade federal, os egressos cotistas foram Monitores de disciplinas de maneira igual aos egressos não cotistas.

Quanto a realização de intercâmbio no exterior, a maioria dos egressos, cotistas e não cotistas, não fez intercâmbio no exterior durante o curso de graduação na universidade. No entanto, o percentual de egressos cotistas que fez intercâmbio no exterior (9,59%) é quase duas vezes menos do que o percentual de egressos não cotistas que fez (18,17%). Essas diferenças são estatisticamente significativas ($p = 0,000$), o que significa dizer que, durante o curso de graduação na universidade federal, os egressos cotistas fizeram menos intercâmbio no exterior do que os egressos não cotistas. Esse resultado converge com os de Choi (2015) que, analisando dados da Coreia do Sul, identifica que estudantes das elites têm o privilégio de possuírem recursos financeiros e de tempo à sua disposição para a realização dessas atividades e experiências no exterior, diferentemente dos estudantes das classes inferiores, que carecem desses privilégios. A tabela 2 resume a apresentação dos resultados aqui expostos trazendo a sua comparação entre os egressos cotistas e não cotistas que participaram dessas atividades.

Tabela 2 – Participação dos egressos cotistas e não cotistas em atividades acadêmicas durante o curso de graduação na universidade federal

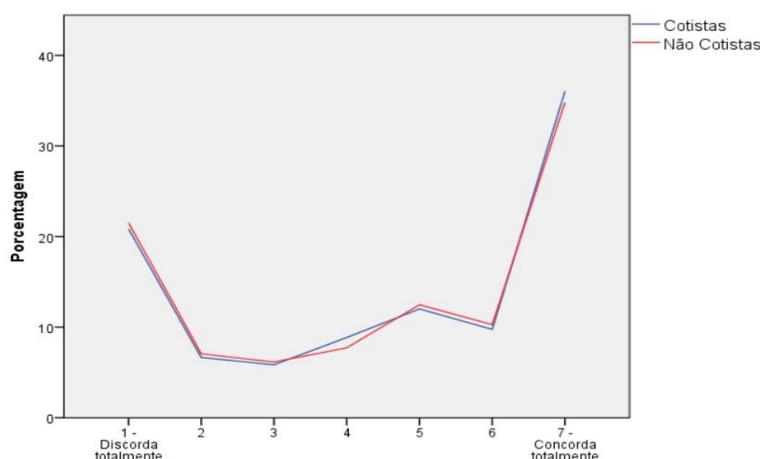
Atividades acadêmicas	Participação dos egressos em %		Valor de p
	Cotistas	Não cotistas	
Empresa Júnior	7,86%	10,73%	$p = 0,000$
Iniciação Científica	54,38%	55,48%	$P = 0,266$
Programa de Educação Tutorial (PET)	8,59%	7,15%	$p = 0,007$
Monitoria de disciplinas	34,74%	34,16%	$p = 0,541$
Intercâmbio no exterior	9,59%	18,17%	$p = 0,000$

Fonte: Dados da pesquisa.

Assim como os dados da tabela 2, os resultados indicam um comportamento muito similar entre egressos cotistas e não cotistas quanto à sua participação voluntária em atividades como grupos de pesquisa, atléticas, diretório dos estudantes, etc. durante o curso de graduação na

universidade. Em uma escala de 7 pontos, a média de participação dos egressos cotistas foi um pouco maior do que para os egressos não cotistas, respectivamente, 4,579 pontos e 4,526 pontos. Essas diferenças, no entanto, não são estatisticamente significativas ($p = 0,259$), o que significa dizer que, durante o curso de graduação na universidade federal, os egressos cotistas participaram voluntariamente em atividades como grupos de pesquisa, atléticas, diretório dos estudantes, etc. de maneira igual aos egressos não cotistas, conforme visualizamos no gráfico 1.

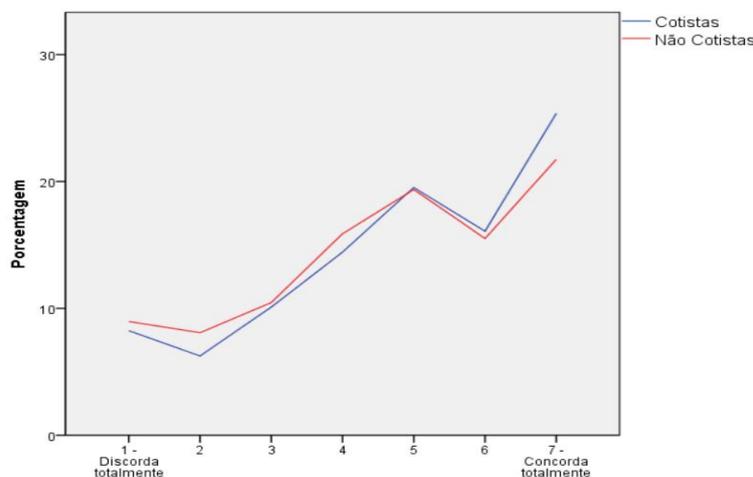
Gráfico 1 - Concordância dos egressos cotistas e não cotistas quanto à participação voluntária em atividades como grupos de pesquisa, atléticas, diretório dos estudantes, etc. durante o curso de graduação na universidade ($p = 0,259$)



Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre o gosto por apresentar seminários das disciplinas durante o curso de graduação, os egressos cotistas foram superiores aos egressos não cotistas quanto a gostarem mais de apresentar seminários das disciplinas durante o curso de graduação na universidade, o que não deixa de ser um resultado surpreendente. Em uma escala de 7 pontos, a média de concordância dos egressos cotistas foi maior do que para os egressos não cotistas, respectivamente, 4,805 pontos e 4,621 pontos, embora suas médias sejam muito próximas. Essas diferenças são estatisticamente significativas ($p = 0,000$), o que significa dizer que, durante o curso de graduação na universidade federal, os egressos cotistas gostaram mais de apresentar seminários das disciplinas do que os egressos não cotistas, como podemos observar no gráfico 2.

Gráfico 2 - Concordância dos egressos cotistas e não cotistas quanto ao gosto de apresentar seminários das disciplinas durante o curso de graduação na universidade (p = 0,000)



Fonte: Dados da pesquisa.

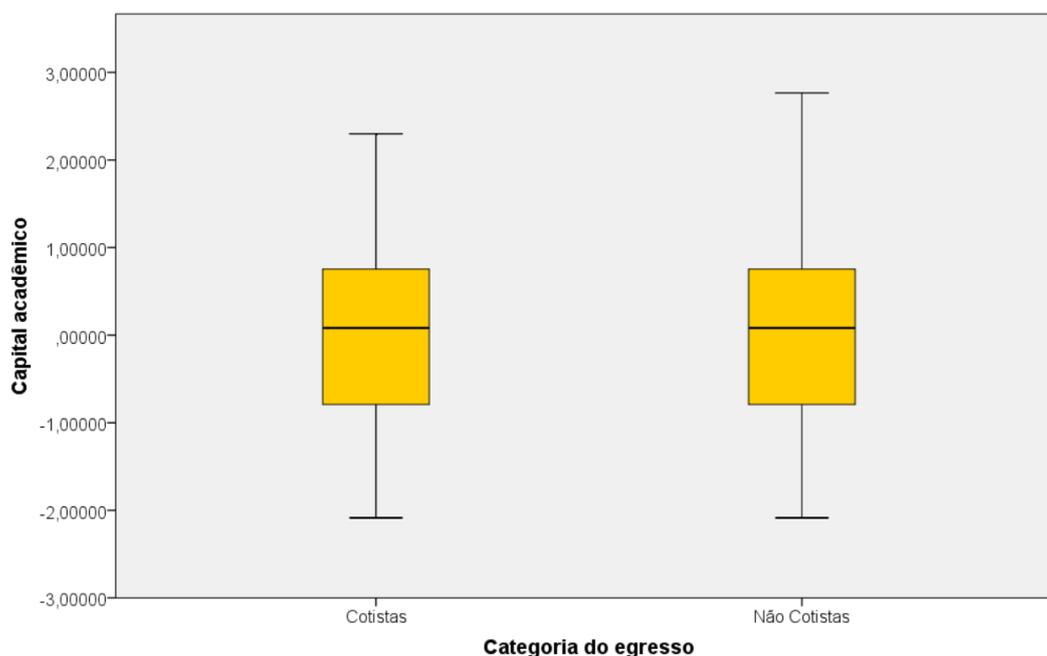
A partir das variáveis até aqui apresentadas, nós construímos a nossa variável capital acadêmico e comparamos as médias entre egressos cotistas e não cotistas. A tabela 3 e o gráfico 3 a seguir apresentam as estatísticas do capital acadêmico desenvolvido na universidade entre egressos cotistas e não cotistas. Percebemos que não há diferenças estatisticamente significativas nos níveis de capital acadêmico desenvolvido na universidade entre egressos cotistas e não cotistas (p = 0,994). Isso significa dizer que no conjunto de atividades como participação em Empresa Junior, Iniciação Científica, PET, Monitoria, Intercâmbio no Exterior, grupos de pesquisa, diretório estudantil, atléticas, etc. e do gosto de apresentação de seminários das disciplinas, a média de participação no agregado dessas atividades pelos egressos cotistas é igual à dos egressos não cotistas durante o curso de graduação na universidade federal.

Tabela 3 - Estatísticas descritivas da variável capital acadêmico desenvolvido na universidade entre os egressos cotistas e não cotistas (p = 0,994)

Categoria do egresso	N	Média	DP	Variância	Mínimo	Máximo
Cotistas	3.713	-0,0001032	0,98954566	0,979	-2,08544	2,29946
Não Cotistas	7.745	0,0000495	1,00503685	1,010	-2,08544	2,76641

Fonte: Dados da pesquisa.

Gráfico 3 - Box-plot da variável capital acadêmico desenvolvido na universidade entre os egressos cotistas e não cotistas ($p = 0,994$)



Fonte: Dados da pesquisa.

Nossos resultados convergem com estudos que também não encontraram diferenças significativas entre cotistas e não cotistas dos cursos de Medicina e Enfermagem da Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS) quanto à participação em programas de pesquisa científica, em monitoria e em grupos de extensão durante o curso de graduação (BIAZOTTO et al., 2022a, 2022b). A principal explicação que oferecemos para esse resultado é que ele confirma os resultados da literatura anterior que mostra que o desempenho acadêmico de alunos cotistas durante o curso de graduação na universidade federal é o mesmo do que o de alunos não cotistas (BIAZOTTO et al., 2022b, 2022a; CALBINO; XAVIER; SABINO, 2020; CAVALCANTI et al., 2019; CHILDS; STROMQUIST, 2015; COHEN; EXNER; GANDOLFI, 2018; FERREIRA et al., 2020; MACHADO; REYES; RIEHL, 2021; OLIVEIRA et al., 2018; PEIXOTO et al., 2016; PELEGRINI et al., 2021; PENA; MATOS; COUTRIM, 2020; PINHEIRO; PEREIRA; XAVIER, 2021; QUEIROZ; SANTOS, 2006; SILAME; MARTINS JÚNIOR; FONSECA, 2020; SILVA; XAVIER; COSTA, 2020; VALENTE; BERRY, 2017; VELLOSO, 2009; VIDIGAL, 2018; WAINER;

MELGUIZO, 2018).

Uma possível explicação para essa igualdade no capital acadêmico entre egressos cotistas e não cotistas é que os egressos cotistas podem experimentar um ambiente de ensino e uma infraestrutura de qualidade que são prováveis a serem bastante diferentes do que estavam habituados anteriormente considerando a provável realidade da qualidade precária da maioria das escolas públicas brasileiras onde cursaram a educação básica e também da realidade material de suas casas e bairros de moradia (FREITAS, 2009). Nesse caso, a presença dos egressos cotistas nas universidades federais aumentaria a sua motivação (ANELLI, 2020) e, como consequência, eles desenvolveriam seu capital acadêmico com a mesma intensidade ou até maior do que os egressos não cotistas, cujo ambiente de qualidade das universidades federais já seria algo mais habitual em seus contextos de vida.

Egressos cotistas talvez aproveitem a oportunidade de realizarem o máximo possível de atividades acadêmicas enquanto estão na universidade como forma de compensar eventuais deficiências em seu processo de formação acadêmica anterior e/ou buscando uma diferenciação na sua formação em relação aos egressos não cotistas, com expectativas de ganhos futuros no mercado de trabalho. É possível também que os egressos cotistas participem dessas atividades, geralmente remuneradas, como formas de aumentar a sua renda pessoal para uma boa permanência na universidade durante o curso de graduação. Nosso argumento é reforçado segundo evidências que apontam que oferecer programas acadêmicos a estudantes de baixa renda no campus universitário é uma forma de inclusão social e de permanência durante a sua vida na universidade (WINKLER; SRIRAM, 2015).

5 CONCLUSÃO

O objetivo do artigo foi verificar se a participação em atividades acadêmicas e extracurriculares durante o curso de graduação na universidade (capital acadêmico) é igual entre egressos cotistas e não cotistas. Avançamos no conhecimento ao fazermos o primeiro estudo amplo comparando os níveis de capital acadêmico entre egressos cotistas e não cotistas a partir de diferentes cursos, universidades e regiões do país. Os resultados sugerem que os níveis de capital acadêmico desenvolvido durante o curso de graduação na universidade federal são iguais entre egressos cotistas e não cotistas. Nossos resultados destacam a relevância do investimento na oferta

contínua dessas atividades por parte das universidades federais a seus estudantes, especialmente os cotistas, pois elas representam uma forma de mudança de vida e inclusão social (WINKLER; SRIRAM, 2015).

Estudos futuros são necessários para verificarmos os impactos do capital acadêmico sobre a vida pessoal e profissional dos egressos, cotistas e não cotistas. É importante que pesquisas futuras considerem outros contextos empíricos para verificar as expectativas e os alcances de egressos com maior capital acadêmico. Egressos de universidades particulares, por exemplo, poderiam também ser um bom caminho para serem considerados, uma vez que sabidamente, em geral, são as universidades públicas e não as particulares que dominam o prestígio da pesquisa nacional como apontam diferentes rankings de avaliação do ensino superior (BIAZOTTO et al., 2022b, 2022a) e, conseqüentemente, oferecem atividades relacionadas à formação de capital acadêmico como Iniciação Científica, Grupos de Pesquisa, PET, Monitoria, Intercâmbio, etc.

REFERÊNCIAS

- ANDREWS, G. R. Racial inequality in Brazil and the United States, 1990-2010. **Journal of Social History**, v. 47, n. 4, p. 829–854, 2014.
- ANELLI, M. The returns to elite university education: a quasi-experimental analysis. **Journal of the European Economic Association**, v. 18, n. 6, p. 2824–2868, 2020.
- ANGNES, J. S. et al. A permanência e a conclusão no ensino superior: o que dizem os índios da Universidade Estadual do Centro Oeste do Paraná [UNICENTRO] - Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 25, n. 6, p. 1–34, 2017.
- BIAZOTTO, M. L. S. H. et al. Nursing students admitted through the affirmative action system display similar performance in professional and academic trajectories to those from the regular path in a public school in Brazil. **PloS ONE**, v. 17, n. 3, p. e0264506, 2022a.
- BIAZOTTO, M. L. S. H. et al. Comparison between students admitted through regular path and affirmative action systems in a Brazilian public medical school. **Advances in Medical Education and Practice**, v. 13, p. 251–263, 2022b.
- BRANDÃO, J. J.; CAMPOS, M. C. A percepção de egressos/as do sistema de cotas raciais da Universidade Estadual de Londrina quanto às políticas de permanência. **Comunicações**, v. 27, n. 3, p. 21–46, 2020.
- CALBINO, D.; XAVIER, W. S.; SABINO, G. DE F. T. 17 anos das políticas de cotas: Um balanço dos desempenhos acadêmicos nas Universidades Federais. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, v. 13, n. 32, p. 1–22, 2020.
- CAMPOS, L. C. et al. Cotas sociais, ações afirmativas e evasão na área de Negócios: análise

empírica em uma universidade federal brasileira. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 28, n. 73, p. 27–42, 2017.

CAVALCANTI, I. T. N. et al. Desempenho acadêmico e o sistema de cotas no ensino superior: evidência empírica com dados da Universidade Federal da Bahia. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 24, n. 1, p. 305–327, 2019.

CHILDS, P.; STROMQUIST, N. P. Academic and diversity consequences of affirmative action in Brazil. **Compare: A Journal of Comparative and International Education**, v. 45, n. 5, p. 792–813, 2015.

CHOI, Y. The effects of English training abroad on labor market outcomes in Korea. **Research in Social Stratification and Mobility**, v. 41, p. 11–24, 2015.

CHRISTIE, H. et al. ‘University opened up so many doors for me’: the personal and professional development of graduates from non-traditional backgrounds. **Studies in Higher Education**, v. 43, n. 11, p. 1938–1948, 2018.

COHEN, L. B.; EXNER, M. K.; GANDOLFI, P. E. Os resultados da implementação da política de cotas em um campus universitário federal no interior do estado de Minas Gerais. **RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 1, p. 39–62, 2018.

FERREIRA, A. et al. Ações afirmativas: análise comparativa de desempenho entre estudantes cotistas e não cotistas em uma universidade pública. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 36, n. 3, p. 1297–1314, 2020.

FREITAS, L. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, J. (Ed.). **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HERINGER, R.; HONORATO, G. S. Elementos para uma análise dos estudantes cotistas e bolsistas no curso de Pedagogia da UFRJ. **Caderno CRH**, v. 28, n. 74, p. 341–348, 2015.

LOPES, A. D. Affirmative action in Brazil: how students’ field of study choice reproduces social inequalities. **Studies in Higher Education**, v. 42, n. 12, p. 2343–2359, 2016.

MACHADO, C.; REYES, G.; RIEHL, E. Alumni networks at elite universities and the efficacy of affirmative action: December 2021. **Working Paper, Cornell Riehl Economics**. Disponível em: http://riehl.economics.cornell.edu/papers/mrr_affirmative_action_nov2021.pdf. Acesso em: 16 nov. 2021.

MAYORGA, C.; SOUZA, L. M. Ação afirmativa na universidade: a permanência em foco. **Revista Psicologia Política**, v. 12, n. 24, p. 263–281, 2012.

OLIVEIRA, C. T. et al. Closing the gap: affirmative action and college adjustment in brazilian undergraduate universities. **Journal of College Student Development**, v. 59, n. 3, p. 347–358, 2018.

OLIVEN, A. C. Inclusion policies in brazilian elite universities. **Advances in Education in Diverse Communities: Research, Policy and Praxis**, v. 11, p. 283–302, 2015.

PEIXOTO, A. L. A. et al. Cotas e desempenho acadêmico na UFBA: um estudo a partir dos coeficientes de rendimento. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 21, n. 2, p. 569–591, 2016.

PELEGRINI, T. et al. Are there performance differentials between quota and non-quota brazilian students? **Journal of Economics, Race, and Policy**, 2021.

PENA, M. A. C.; MATOS, D. A. S.; COUTRIM, R. M. E. Percurso de estudantes cotistas: ingresso, permanência e oportunidades no ensino superior. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 25, n. 1, p. 27–51, 2020.

PEREIRA, G. F. S. F.; AMARAL, W. R.; BILAR, J. A. B. A experiência de estar na universidade sob a ótica de uma indígena estudante da pós-graduação. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 28, n. 158, p. 1–18, 2020.

PINHEIRO, D. C.; PEREIRA, R. D.; XAVIER, W. S. Impactos das cotas no ensino superior: um balanço do desempenho dos cotistas nas universidades estaduais. **Revista Brasileira de Educação**, v. 26, p. 1–30, 2021.

QUEIROZ, D. M.; SANTOS, J. T. Sistema de cotas: um debate. dos dados à manutenção de privilégios e de poder. **Educação & Sociedade**, v. 27, n. 96, p. 717–737, 2006.

SILAME, T. R.; MARTINS JÚNIOR, H.; FONSECA, A. H. S. O efeito das cotas: desempenho acadêmico dos estudantes cotistas da Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 33, p. 1–36, 2020.

SILVA, B. C. M.; XAVIER, W. S.; COSTA, T. M. T. Sistema de cotas e desempenho: uma comparação entre estudantes cotistas e não cotistas na Universidade Federal de Viçosa. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 12, n. 3, 2020.

SILVA, G. H. G. Um panorama das ações afirmativas em universidades federais do sudeste brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 173, p. 184–207, 2019.

VALENTE, R. R.; BERRY, B. J. L. Performance of students admitted through affirmative action in Brazil. **Latin American Research Review**, v. 52, n. 1, p. 18–34, 2017.

VELLOSO, J. Cotistas e não-cotistas: rendimento de alunos da Universidade de Brasília. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 137, p. 621–644, 2009.

VIDIGAL, C. B. R. Racial and low-income quotas in brazilian universities: impact on academic performance. **Journal of Economic Studies**, v. 45, n. 1, p. 156–176, 2018.

WAINER, J.; MELGUIZO, T. Políticas de inclusão no ensino superior: avaliação do desempenho dos alunos baseado no Enade de 2012 a 2014. **Educação e Pesquisa**, v. 44, 2018.

WINKLER, C.; SRIRAM, R. Development of a scale to measure academic capital in high-risk college students. **The Review of Higher Education**, v. 38, n. 4, p. 565–587, 2015.